

Dia dos namorados e os dias de namorar

Pedro Paulo V. A. Azevedo*

Há na verdade uma grande diferença entre *dia dos namorados* e *dia de namorar*, pois é sabido que nem todos os namorados namoram no dia dos namorados, muitos ficam indiferentes e até se desentendem. Podemos imaginar casos em que alguns aproveitam tal dia para, inclusive, terminar o namoro. Portanto nem sempre há o espírito de namorar no dia dos namorados, enquanto há dias que tudo que se quer é namorar ou namorar (namoriscar), que nada mais é que o atual “*ficar com*”.

Se imaginarmos namorar como o ato de *inspirar o amor* podemos acreditar que têm pessoas que namoram quase todos os dias, pois existem humanos verdadeiramente adoráveis, que atraem, inspiram, cativam. Já se pensarmos namorar como *desejar ardentemente, cobiçar*, estaremos trafegando dentro daquilo que é essencial a vida, ao ser vivo, ao *ser desejante*, ao sujeito do desejo. Com isso afirmo que o desejo é inerente à vida e sua ausência possui a dimensão da morte.

Veremos, então, os vivos humanos mortais no jogo da vida empregarem todos os esforços para obter o desejado. Fitando o objeto do desejo com veemência e vontade de possuir, procurando conquistar nem que em sonhos e devaneios. E nessa sôfrega busca, onde não faltam, ou faltam, requestos e galanteios, o sujeito fica embebido pelo o ardor de seu desejo, pronto a possuir-se de amor, enamorar-se, apaixonar-se.

Agora, se a idéia é a de *manter relações de namoro* com alguém em que haja o sentimento de construir uma relação estável, a coisa já caminha de modo algo diverso, pois nesse caso se requer além do desejo, indispensável ao namorar, um nível de *compromisso*. E esse nível de compromisso é fundamental para a sorte de tal relação, nem de mais nem de menos.

Estamos aí navegando em águas perigosas, onde se tem ou o talento de se navegar a arte amorosa, ao pretende-la administrada, ou a perspectiva da tragédia de um possível naufrágio. Naufrágio que aqui é o do desejo, pois o que fica na tona são apenas os destroços do compromisso, muitas vezes honráveis, mas nem por isso menos tristes. Sem desejo caminha-se sem razão, perde-se a razão do amor por mais legítimos que sejam as razões. Algo parece não fazer mais sentido.

Tudo isso porque o amor pressupõe liberdade, e, o compromisso, muitas vezes, coloca essa liberdade em xeque. Portanto só teremos a

convivência de amor e compromisso, se o comprometer-se for essencialmente um ato voluntário, um movimento de liberdade.

Namorados que se pretendem casados devem buscar esse saber: que ao caminharem para inserir o compromisso em suas relações testam de modo intenso e perigoso o teor de liberdade dessas próprias relações, e podem, sem se dar conta, orquestrar o naufrágio do desejo, portanto, da liga essencial que sustenta uma relação de amor dessa cepa, um verdadeiro namoro.

Só pagando prá ver, afinal não existem receitas prontas para o amor, muito menos para os namorados. E pagar para ver é aqui pagar para viver, pois ver, como nos diz *Jean Starobinski*, não basta ao desejo: *“Se as paixões se excitam no olhar e crescem pelo ato de ver, não sabem como se satisfazer; o ver abre todo o espaço ao desejo, mas ver não basta ao desejo. O espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar. Sabemos o quanto pode ser triste o olhar desejante (L’oeil vivant).*

*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).